

AÇÕES POÉTICAS NA CIDADE PRÓ-QUINTAL: VOCÊ AINDA TEM QUINTAL?

Mara Nogueira Porto
Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora no Curso de Arquitetura e
Urbanismo no Centro Universitário Pato de Minas.
maraporto@gmail.com

Está claro, la ciudad no se ilustra, se vive.
(Paul Ardenne)

RESUMO

O artigo relata a experiência da criação de um projeto artístico denominado Pró-quintal: você ainda tem quintal? A ação poética foi concebida nas cidades - Patos de Minas e Uberlândia - onde há um bairro de nome Laranjeiras. Ambos abordam a questão que gerou a inquietação principal da pesquisa: a "nudez" arbórea das cidades, lugares despidos de vegetação. A ação foi realizada no espaço urbano, mas sua prática incidiu no espaço doméstico dos quintais. Para a ação prática, mudas de laranjeiras foram oferecidas aos moradores dos bairros e plantadas em seus respectivos quintais. O projeto artístico discutiu questões sobre a cidade e o cotidiano que nos é oferecido em partilha.

Palavras-chave: *Ação poética. Cidade. Natureza.*

ABSTRACT

The article reports the experience of creation an art project called Pro-backyard: you still have a backyard? The poetic action was conceived at citys- Patos de Minas and Uberlândia - where there is a neighborhood of Laranjeiras name. Both approach the issue that generated the main concern of the research: the "nudity" arborea of cities, naked places of vegetation. The action was performed in the urban space, but your pratice it happened in the domestic space of the backyards. For practical action, seedlings of orange trees were

offered to the residents of the neighborhood and planted in their backyards. The art project discussed questions about the city and the daily life that is offered in our shares.

Keywords: *Artistic action; City; Nature.*

No contexto da pesquisa aqui descrita, a cidade se configura como campo aberto para experimentar práticas artísticas contemporâneas, verificando-se maneiras de apropriação e ressignificação de alguns espaços citadinos. Nesse campo aberto, cada indivíduo o compreende de determinada maneira; além das nossas relações cotidianas, percebe-se uma apropriação de emoções e vivências afetivas com lugares e espaços. Portanto, investigo maneiras de atuar em certos lugares através da arte e espero que, de algum modo, essas atuações possam gerar uma experiência que potencialize um processo de questionamento crítico e afetivo.

A partir de uma escuta e um olhar direcionado à cidade, busquei analisar e apontar os espaços de *natureza* nela presente. Constata-se a existência de ilhas de paisagens naturais. São espaços que têm sido cada vez mais delimitados. A diminuição da natureza, em meio à confusão urbana, movimenta uma sobrevivência dilacerada e realiza um esforço de adaptação ante as condições adversas que são encontradas. Os espaços de paisagens naturais que constituem os cenários de nossas cidades são cada vez mais reduzidos pelo crescimento urbano desordenado, que muitas vezes privam as pessoas do convívio mínimo com a natureza. Giulio Argan discorre sobre essa questão nestes termos:

A natureza não está mais além dos muros da cidade, as cidades não têm mais muros, estendem-se em desesperadores labirintos de cimento, desfiam-se nas sórdidas periferias de barracos e, para lá da cidade das auto-estradas e dos distribuidores automáticos, dos campos cultivados industrialmente. E mesmo que algum pedaço de natureza sobrevivesse escapando da especulação imobiliária ou da indústria turística, não o veríamos, porque o atravessaríamos a 200 quilômetros por hora de automóvel, ou a sobrevoaríamos a jato. (ARGAN, 1995, p. 222)

Pode-se dizer que o conflito entre natureza e crescimento das cidades se acentua nas sociedades atuais: quanto mais a urbe progride e reprime a natureza, mais isso se torna um problema a ser analisado; logo, a abordagem do tema ambiental a partir do espaço urbano se torna fundamental para alcançar as reflexões que permeiam as práticas artísticas cujo objetivo é refletir e discutir a cidade e a natureza e seus lugares de valores simbólicos, confrontando situações espaciais e sociais.

O interesse pela criação artística na área de Arte Urbana e Ambiental ocorre por se acreditar que os artistas que trabalham com essas vertentes não têm a pretensão de se expressarem somente como indivíduos, como artistas, mas também como parte de uma unidade maior. Dito de outro modo, seus trabalhos refletem uma consciência política, cidadã, em conexão com a sociedade em geral e que pretendem aproximar, da vida cotidiana, a arte, a cidade e a natureza. Criações artísticas que se relacionam com o tema cidade e natureza dão características a muitas obras que têm sido apresentadas contemporaneamente, oferecendo ao espectador uma possibilidade de pensar em sua existência, criando reflexões sobre suas experiências diárias de deslocamento, de modos de vida, e buscando relacionar a vida com a arte. Talvez seja este um dos subsídios da arte contemporânea: fazer pensar e oferecer meios de reelaborar o cotidiano (BULHÕES, 2013).

Com suas ruas, praças, jardins e casas, a cidade se tornou o lugar de reprodução do social, daí poder ser entendida como local ideal de representação artística e poética. Como a arte estabeleceu ligação maior com a vida, o espaço urbano se tornou campo de trabalho da arte contemporânea. A arte criada para ocupá-lo — ou se apropriar dele — pode ser almejada com o intuito de intervir no cotidiano, no tempo de desaceleração do ritmo das cidades contemporâneas; de reocupar os espaços citadinos para semear ações poéticas e criar possíveis deslocamentos, mesmo que instantâneos e efêmeros, de modo a permitir que os caminhantes da cidade possam experimentar outras vivências com a arte.

Através da Arte Urbana e Ambiental, interessa-me olhar para as práticas artísticas contemporâneas que originem uma nova abordagem das cidades.

PRÓ-QUINTAL: VOCÊ AINDA TEM QUINTAL?

Plantando árvores, as plantas plantam-se também em nós.
Assim coexistimos, sendo um no outro.
(Joseph Beuys)

Para realização do processo de criação, abordo uma das questões principais que me inquieta: a “nudez” arbórea das cidades, isto é, os lugares despidos de vegetação. Foi pensada, então, a criação de um projeto que tratasse da analogia entre árvore, plantio, terra e lugar. Sucedeu-se, assim, *Pró-quintal: você ainda tem quintal?*

Como lócus para criação, elegi Patos de Minas e Uberlândia, ambas em Minas Gerais, ambas formadas por um bairro de nome Laranjeiras. Tracei diversas caminhadas urbanas, sobretudo nesses bairros. O deslocamento corporal na prática artística, dado através das caminhadas e que utilizo como ferramenta de criação, possibilitou-me explorar esses percursos. Assim, pude observar e compreender, de maneira mais ampla, situações adversas encontradas não apenas nesses dois bairros específicos, mas também noutros espaços que foram percorridos para desenvolver a pesquisa poética.

Tendo em vista a mesma relação artística e socioambiental decorrente de reflexões nos dois bairros, percebe-se, nas duas cidades, que a destruição ambiental: corte de árvores, remoção de canteiros em avenidas e abandono de praças, dentre outras semelhanças circunstanciais de uma cidade em crescimento evolui anualmente por falta de projetos socioambientais. A ideia de que evolução está associada à proliferação de uma cidade impermeável tem sido crescente, e muitos estão em busca da “[...] sedução aristocrata dos mármore importados e pela invasão incontrolável das indefectíveis cerâmicas e porcelanatos”. (MARQUEZ; CANÇADO, 2010, p. 64).

Os quintais estão presentes na vida urbana, acolhidos por muros e paredes, como um lugar nas casas protegido por um desejo de uma privacidade. O muro não separa apenas uma habitação, uma área construída; ele separa pequenos espaços permeáveis entre si que nos proporcionam um ambiente privado de experiências, descobertas, lazer e encontros. Lugares que podem parecer apenas limitações de porções de terra vermelha ou argilosa, mas que carregam potencialidades afetivas e vivas da vida mineral, vegetal, animal e humana. São verdadeiros espaços vitais.

O interesse pelos quintais me levou às casas dos bairros Laranjeiras de Patos de Minas e Uberlândia. O motor foi o desejo de investigar esses espaços permeáveis de existências abreviados em verdes denominados quintais e como ainda são conservados e planejados em suas domesticidades íntimas e cotidianas. A ação poética (ou projeto artístico) *Pró-quintal...* parte da ideia de uma intervenção mínima a ser realizada no espaço urbano mas que especifica sua prática por se localizar nos espaços domésticos. Essa prática surge e se instaura como possibilidade de encontros fortuitos nesses espaços, observando-os como paisagens estéticas, poéticas, geográficas e arquitetônicas. Objetiva a um contato com o outro, movimentando sensações, afetos e estranhamentos.



Figura 1: Documentação da ação Pró-quintal: você ainda tem quintal? em Patos de Minas, MG. Fonte: PORTO, 2013



Figura 2: Documentação da ação Pró-quintal: você ainda tem quintal? em Patos de Minas, MG. Fonte: PORTO, 2013. Foto: Rafael Ribeiro.

A ação teve como atividade prática a doação de mudas de laranjeiras [1] para serem plantadas nos quintais das casas do bairro Laranjeiras de Patos de Minas e, depois, no bairro Laranjeiras de Uberlândia. A escolha da árvore, inspirada pelo nome do bairro, teve a intenção de provocar uma empatia com os moradores, que veriam de imediato uma justificativa para ter uma laranjeira em casa. Inicia-se a ação com um desafio: conhecer essas ambiências instituídas atrás dos muros, nesses espaços íntimos das casas dos dois bairros. Como, além da doação da laranjeira, o projeto

presumiu seu plantio no quintal; entrar nesses espaços foi um elemento complicador. Coube ao morador a autorização para nos deixar entrar em seu recinto e, assim, habitar esse lugar particular mesmo que por um breve instante, de modo que esse espaço viesse a ser revelado. [ii]

O fazer prático da ação se articulou com algumas demandas. Uma foi conseguir as laranjeiras. Em Patos de Minas, as mudas foram doadas pelo Instituto Estadual de Florestas, as quais foram divididas entre as espécies de laranja-da-baía, laranja-pera e laranja-doce. As mudas foram retiradas no instituto e estavam bastante miúdas, uma vez que não são produzidas através de enxerto, e sim por reprodução de sementes. Solicitei de 50 a 100 mudas; foram doadas 25. De início, achei que fossem poucas, mas a ação foi realizada com essa quantidade. Acreditei que muitas casas ficariam sem receber o plantio, mas — para meu espanto — o maior porcentual das casas do bairro Laranjeiras de Patos de Minas não tem mais quintal. A maioria são casas com áreas impermeáveis, sem espaço de terra; quando muito, têm um pequeno espaço de jardim na frente.

Para o deslocamento físico da ação no bairro Laranjeiras, foi providenciado um carrinho de feira (Fig. 01), ao qual foi afixada uma placa com o nome *Pró-quintal: você ainda em quintal?*. Com as 25 mudas alocadas no carrinho, pude pensar em um trajeto construindo uma linha que se fazia em meios a paradas,[iii] indo de casa em casa para ofertar a muda e seu plantio. Bati palmas no portão e nas portas, usei as campainhas e os interfones, configurando essas visitas entre gentilezas, estranhezas, sim e não (Fig. 01 e 02).

Curiosidades e desconfianças entremeavam-se nas reações de cada morador que visitamos numa manhã ensolarada de sábado. Após explicitar a intenção da proposta, a resposta ficava a cargo de duas possibilidades: “Sim, tenho quintal e quero plantar uma muda” e “Não, não tenho quintal, é todo cimentado ou azulejado”.

Verificamos que algumas casas que ainda mantinham seus espaços permeáveis não plantaram a muda porque seus canteiros de terra eram pequenos e feitos para receber hortaliças ou ervas medicinais. Uma pergunta sempre feita pelo morador quando lhe ofereciam a muda e seu plantio era: “Quanto paga?”; “Depois vocês não vão voltar e cobrar pela muda?”. Na sociedade de consumo em que estamos inseridos, já somos habituados a pagar por tudo que nos é ofertado; e quando alguém nos oferece algo de graça, isso desperta reações de suspeita e desconfiança. A ação solicitava ao morador não só que aceitasse a muda, mas também que abrisse as portas para um desconhecido plantar uma árvore em seu quintal.

Entre o percurso realizado em todo o bairro, foram plantadas dez mudas em dez casas. Entre senhores, senhoras, jovens e crianças, o consentimento nos era dado e as portas eram abertas. Escolhíamos juntos o lugar do plantio. Entre uma casa e outra, pude perceber que era nesse emaranhado entre vida cotidiana e espaço urbano que o trabalho se realizava, permeando trajetos, plantios, imagens, histórias, memórias e conversas que originavam uma troca genuína de relações sensoriais, sociais, territoriais. Pude perceber que a dimensão da arte e da vida poderia se aproximar de paisagens híbridas e desordenadas dos quintais.

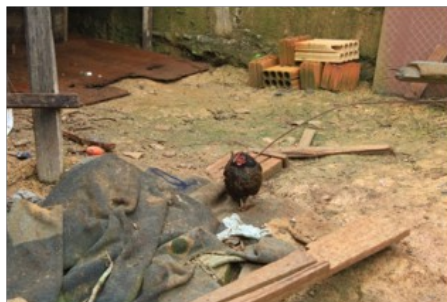


Figura 3: Documentação da ação Pró-quintal: você ainda tem quintal? em Patos de Minas, MG. Fonte: PORTO, 2013. Foto: Mara Porto e Rafael Ribeiro.

O tema do cotidiano tem aparecido com frequência nas pesquisas em arte. As relações sociais são abordadas na arte que se orienta em direção às poéticas urbanas. Para subsidiar essa reflexão, recorro ao autor Michel de Certeau (2012), que propõe pensar as artes do fazer enquanto um espaço doméstico, cotidiano. O cotidiano, por sua vez, é aquilo que nos é dado a cada dia ou que

nos cabe em partilha. Para pensar em uma ação operatória desse cotidiano que Certeau aborda e que permeou boa parte do trabalho relativo aos quintais, podemos elencar o “diálogo” como um fator determinante para a realização da ação: pela conversa inicial que estabelecíamos com o morador da casa, toda a nebulosidade e estranheza se esvaíam e as portas se abriam ou não. Assim,

[...] a arte de conversar: as retóricas da conversa ordinária são práticas transformadoras “de situações de palavras”, de produções verbais onde o entrelaçamento das posições locutoras instaura um tecido oral sem proprietários individuais, as criações de uma comunicação que não pertencem a ninguém. A conversa é um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular “lugares-comuns” e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los habitáveis. (CERTEAU, 2012, p. 49).

Com o intuito de entender os momentos admiráveis do cotidiano, através das práticas e dos desafios dos diálogos, das tramas cotidianas tecidas nas topografias de quintais, tivemos momentos de convívio e vivência com esses moradores, compartilhando a experiência do lugar e do falar.

Mesmo que por pouco tempo de permanência nos quintais, a conversa podia ser sobre vegetais e animais, sobre temas profissionais e pessoais, sobre interesses da ação; além de desabafos e reclamações de órgãos públicos. Entre um plantio e outro, de quintal em quintal surgiram as paisagens de intensidade poética e relacional.

OS QUINTAIS DO BAIRRO LARANJEIRAS EM PATOS DE MINAS

Abordo os quintais como lugares de composições variadas e particulares cujas formações irregulares desafiam nosso olhar, buscam contingências em uma nova paisagem espacial. Essas paisagens são produzidas por fluxos, repetições, objetos solitários e amontoados, por cheiros, sons e movimentos, por pousos e repousos (Fig. 03). Os quintais ainda carregam a função de depósito: acolhem o que deve ser escondido. Encontramos quintais sem muitas plantas, mas com muitos entulhos de construção civil. Ainda assim essa paisagem desabitada me afetou como uma provocação: a pujança desse lugar atravessou o conceito de espaço organizado, planejado, esteticamente composto e ordenado; e me fez me deter na paisagem em constante transformação: lugares mutáveis, em processo, em construção; prontos para serem alterados e modificados, que criam e recebem composições diárias e variáveis.

Breno Silva e Louise Ganz, respectivamente, artista plástico e arquiteta residentes em Belo Horizonte, MG, trabalham em parceria desde 2002. Suas ações visam pensar nos espaços da cidade através de ocupações urbanas, projetos de arquiteturas, vídeos, exposições e outros. Um dos trabalhos da dupla, *Lotes vagos: ocupações experimentais* propõe adaptar lotes vagos, terrenos baldios privados em espaços públicos provisórios para ocupação de uso livre do público por um período indeterminado. A primeira edição foi em 2004/5. Silva e Ganz fizeram um levantamento e mapeamento dos lotes vagos em Belo Horizonte, após a negociação com os proprietários dos lotes; foi necessária em alguns casos a assinatura de um contrato de comodato.^[iv] A utilização desses espaços era liberada para uso comum.

O projeto de transformação para cada lote vago é de criação coletiva, e o “[...] grupo que participa dessa transformação do lote em espaço público se torna responsável pela implantação do projeto, pelo seu cuidado, pelos acontecimentos” (SILVA; GANZ, 2009, p. 9). Considerando a pesquisa de Silva e Ganz, esses lotes estão por todas as cidades. O levantamento realizado pela dupla apontou que Belo Horizonte tinha mais de 70 mil lotes vagos. Esses lugares não são notados pelas pessoas como lugares de potencialidades criativas, de utilização para plantio; são vistos apenas como áreas desocupadas. Mas foram notados por Silva e Ganz e compreendidos como espaços capazes de gerar oportunidades e inúmeras possibilidades. A experiência do projeto

Desestabiliza as noções de propriedade privada e possibilita ao público qualquer participação da produção do espaço da cidade de modo ativo. Instiga nas pessoas o desejo de realizar experiências diversas autônomas. Deixa evidente o caráter intrinsecamente socio-político da proposta, numa microescala, posto que as pessoas passam a pensar e agir na cidade de outras maneiras, enxergando as várias possibilidades de transformação dos espaços onde habitam, já que lotes vagos estão por toda parte, em todas as vizinhanças. (SILVA; GANZ, 2009, p. 10).

Mesmo com a variedade de paisagens desordenadas encontradas nos quintais, as mudas foram plantadas. A abertura afetiva foi estabelecida com o morador, o que pode vir a proporcionar uma tomada de consciência ecológica e ambiental manifestada no desejo de aproximação da natureza, ainda que através de um simples ato de cuidado com uma árvore. A ação poética *Pró-quintal...*, por meio do plantio das árvores, fez-me constatar que a cultura do cimento, do concreto tem sido cada vez mais expansiva, restringindo as áreas verdes preservadas na cidade. Os espaços domésticos

carregam essa tendência: a maioria das casas, desde os projetos arquitetônicos, suprime os espaços de terra, optando por quintais pavimentados por azulejos, cerâmicas e porcelanatos, isto é, instituindo espaços impermeáveis, limpos da “sujeira” da terra.

Em poucas casas se cultuam a terra e o plantio como hábito, prática ou lazer. Mesmo quando os espaços se abreviam em fragmentos de terra, essas áreas podem ser consideradas como territórios que representam a relação afetiva do proprietário com a natureza. A relação de cada proprietário com seus quintais e com os hábitos de plantar se apresenta como um desejo do cultivo através de um ciclo que nasce, multiplica-se e morre. Nesse “[...] ciclo de vida e morte incorporados ao cotidiano, sem projeto, simplesmente convertidos em passatempo; regar, podar ou transplantar mudas tornam-se atos de dedicação física e higiene mental”. (MARQUEZ; CANÇADO, 2010, p. 102).

A diminuição dos quintais na projeção dos espaços e as mudanças nos hábitos da vida moderna fazem com que essas áreas sejam vistas como ambientes inativos, a não ser quando são projetados especificamente para áreas de lazer. Porém, os quintais de terra, ainda mantidos para práticas de plantio, são importantes para construir costumes com relação à natureza. Mesmo que não façam parte do espaço público, os quintais estão presentes em nosso imaginário, em nossas memórias. São encontrados nos contos infantis como o lugar da imaginação e da fantasia, pois muitas crianças não têm mais contato com essas áreas de vivência e experiência.

Eis por que os quintais tornaram-se relevantes em meu processo de construção poética. Percebi, ao realizar a ação *Pró-quintal...*, que em cada casa, em cada quintal a organização do espaço privado, os modos de pensar, de fazer e de praticar o cotidiano estão refletidos nas relações privadas e públicas, pode-se estabelecer um vínculo com a rua, o bairro e a cidade como extensão da nossa casa. Quando o cuidado doméstico passa do quintal e do portão de casa para a rua, podemos pensar na criação de modos cotidianos que se desenvolvem, dando conteúdo a uma nova maneira de vida social.

LARANJEIRAS DE UBERLÂNDIA: UM ESPELHAMENTO DA POÉTICA E DO ESPAÇO



Figura 4: Documentação da ação Pró-quintal: você ainda tem quintal? em Uberlândia, MG. Fonte: PORTO, 2014. Foto: Eduardo Prado.

De início, a concepção da ação poética Pró-Quintal: você ainda tem quintal? presumiu ser aplicada no bairro Laranjeiras em Patos de Minas. Mas quando constatei a existência de um bairro homônimo em Uberlândia, as várias semelhanças atraíram-me e vi a possibilidade de realizar a ação também ali. Como descrito no capítulo anterior, os bairros novos têm os espaços geográficos similares: são divisores no limite entre cidade e natureza, estão próximos de rios, dentre outras semelhanças espaciais, sociais e estéticas que me chamaram atenção.

Para a ação em Uberlândia, o Instituto Estadual de Florestas não pôde doar as mudas, porque não as tinha; tampouco o horto da prefeitura local, pois não trabalha com espécies frutíferas. A solução foi arcar com a compra das mudas em um viveiro. Dez mudas foram adquiridas. Além dos recursos limitados para pagar por 25 mudas, havia o receio de que muitas não pudessem ser plantadas, como em Patos de Minas, e, por isso, acabassem morrendo. As mudas adquiridas são feitas com enxerto, mas são mais crescidas, o que ajuda a planta a se desenvolver e a árvore a prosperar.



Figura 5: Documentação do retorno às casas de Patos de Minas, MG, onde foi realizada a ação Pró-Quintal: você ainda tem quintal? Fonte: PORTO, 2014. Foto: Bruno Caixeta.

A ação poética *Pró-quintal...* em Uberlândia ocorreu dia 8 de março, um sábado — também ensolarado. As providências necessárias para a realização da ação em Patos de Minas foram replicadas. Por não conhecer o bairro, nem saber de suas frestas e seus riscos, esse bairro me causava estranheza. A ação começou na rua Esplanada, que também faz divisa com a margem do bairro e as proximidades do rio; o trajeto foi planejado em visita anterior, nas práticas das caminhadas.

Observa-se até aqui que o espelhamento das ações e do espaço tem sido legítimo: um ao outro. Buscou-se um espelhamento do espaço do bairro, do entorno, dos trajetos, da proposta da ação e da quantidade de mudas a ser plantadas. Mas no bairro Laranjeiras de Uberlândia, em muitas casas onde a muda foi oferecida, houve recusa ao plantio, mas não por falta de áreas permeáveis, pois essas casas tinham espaços, mantinham seus quintais; mas nestes já não havia mais espaços para plantio, já estavam com muitas plantas: medicinais e frutíferas, além de hortaliças e galinheiros. Poucos dos quintais se mantinham “nus” e sem estrutura vegetal e/ou animal.

O campo que se pretendeu abrir com a criação das ações *Pró-quintal...* foi o de tecer um encontro com o outro em seu espaço privado, íntimo e pessoal, através da relação com o espaço urbano. Espaço esse pensado como lugares de incidências e vivências, de interromper, prazerosa e afetivamente, o cotidiano do outro pela troca e interação através das ações nos quintais.

A ação realizada em Patos de Minas e em Uberlândia pode ser considerada como filiada a um campo de práticas artísticas chamadas arte relacional (BOURRIAUD, 2009). Através dessas relações instituídas com os moradores e como um gesto de âmbito micropolítico (GATTARI; ROLNIK, 2000) de plantar uma muda de laranjeira nos quintais, esse “objeto” árvore surgiu como facilitador do contato inter-humano com vistas a uma atitude mais afinada com o meio ambiente.

OS QUINTAIS DO BAIRRO LARANJEIRAS EM UBERLÂNDIA

O RETORNO NO TEMPO DA AÇÃO

Pensando nas múltiplas paisagens encontradas nos quintais, considerei a possibilidade de prolongar o efeito da ação retornando a essas casas após um período de sua realização, para tentar perceber se houve mudanças nesses espaços. O trabalho cria relação com o espaço urbano, a cidade, o bairro, a rua, a casa e chega até os quintais com o objetivo de plantio de uma árvore. Essa seria, então, a potência da ação, a qual sugere uma relação com a natureza e com a necessidade de inserção de mais árvores no bairro e mais áreas verdes planejadas em nossos espaços urbanos.

Nesse segundo momento, porém, muito da potência do trabalho está na relação estabelecida com o outro, e não apenas na proposta do plantio; isto é, está na relação entre plantio, quintal, compromisso com a muda e a troca estabelecida entre conversas e memórias de quintais. A iniciativa de voltar às casas foi um exercício fundamental para compreender o significado do trabalho e reafirmar a importância da ação, estabelecendo um vínculo sensível com o outro e com um olhar voltado para a natureza. O retorno às casas e aos quintais constituiu, a meu ver, um exercício de alteridade, além de fornecer parâmetros da relação do homem com o tempo e o espaço.

Na cidade de Patos de Minas, o retorno aconteceu após três meses, tempo previsto para enraizamento da muda. Para o retorno, foi preparado um material — um regador e uma fotografia - a ser oferecido a cada morador como continuidade da ação. Dez regadores foram adquiridos e entregues, junto com a imagem fotográfica - de um morador, ou de um detalhe do quintal, ou da fachada da casa - em tamanho 15 cm x 21 cm, com paspatur de papel Canson e contendo um

resumo da proposta impresso no verso (Fig. 05). Assim que chegávamos às casas, algumas pessoas nos reconheceram e outras demoraram alguns segundos para retomar a memória do dia da ação; mas todas nos receberam afetosamente e, após a entrega do regador e da fotografia, a satisfação foi visível. Nenhum morador tinha regador por isso adoraram recebê-los. As fotografias doadas, principalmente as que tinham a imagem do morador ou de crianças da casa, foi uma surpresa, dado o estado de contentamento ao ver a imagem. Esse novo encontro criou um vínculo com a ação de alguns meses atrás. Os moradores se sentiram mais perto do que tinha sido proposto. Uma sensação de afeto ficou marcada com o nosso retorno.

De dez casas, em três as mudas morreram,^[v] mas foi solicitado pelo morador que conseguíssemos outra muda para ser replantada. Novas mudas foram doadas e novo plantio foi realizado. Assim, o compromisso se afirmou em cada casa, com cada morador, pensando que esse compromisso transita em meio ao compromisso com a natureza e com a proposta da ação.

Nas casas onde as mudas foram bem cuidadas e vingaram, foi perceptível que os espaços dos quintais mudaram, pois a maioria não tinha planejamento vegetal. Foi possível observar outras espécies plantadas no entorno da muda de laranjeira, e isso permite acreditar que a ação motivou o morador a criar experiências com o plantio. Portanto, vimos que a valorização dos quintais pode ser permanente e crescente quando há percepção de que a ação *Pró-quintal...* não foi um evento passageiro: o trabalho passou a ser construído coletivamente e exigiu esforços de todos.

Em Uberlândia, nas dez casas onde plantamos as mudas, estas foram bem cuidadas e até cresceram alguns centímetros - crescimento notável pela coloração das folhas novas. Algumas tiveram cuidado especial, outras receberam proteção em torno de seus caules, e outras mais foram ancoradas com uma estaca e até receberam adubação orgânica. Não por acaso, em todas as casas o nosso retorno foi recebido com afetividade e atenção (Fig. 05).

O projeto poético resultou na elaboração de alguns outros desdobramentos artísticos, que sucederam com base em questionamentos levantados através de anotações, reflexões e diálogos com transeuntes e moradores, para que todas as problematizações e averiguações sobre o pensar a cidade e a natureza contribuíssem para alimentar a criação dos trabalhos e detectar elementos poéticos importantes para a pesquisa e compor novos olhares sobre aqueles espaços urbanos específicos.

Investiguei vários modos de registrar as paisagens citadinas, de captar suas sutilezas poéticas; mas foi na imagem do abandono, do descuido, da natureza assolada que a cidade se apresentou perante minha vontade de apropriar de seus espaços e pensar na relação entre espaço e lugar, cidade e natureza, arte e cidade, entendendo os rumos das minhas ações poéticas. Interpretar o abandono, as constantes transformações físicas da cidade e os poucos espaços de natureza aponta para uma urgência de cuidados com o lugar que habitamos: urgência que começa em nós: nas nossas relações afetivas, sociais e políticas.

Com as inserções das ações poéticas, não se pretendeu resolver problemas urbanos, mas sim possibilitar uma reflexão sobre uma cidade mais humana, mais “verdadeiramente” pública, onde o desejo de habitá-la e cuidá-la seja nosso, sem que busquemos transferi-lo, apenas, para a competência dos órgãos governamentais.

Uma das intenções deste trabalho é propor uma expansão no modo de ver a cidade e seus espaços - como podemos ocupá-los e valorizá-los - e, logo, no modo de sermos responsáveis por essas transformações.

Deste modo, realizar tais ações poéticas me possibilitou analisar e compreender um olhar sobre a prática da arte e da própria arquitetura urbana. Ao me envolver com esses espaços citadinos, pude atentar a aproximações entre arte e vida e aos desvios que encontramos para criar deslocamentos na arte e em nós mesmos.

REFERÊNCIAS

ARDENNE, Paul. **Un arte contextual**: creación artística en medio urbano, en situación, de intervención, de participación. Murcia: Cendeac, 2002.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. Tradução Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009.

BULHÕES, Maria Amélia. **Faz-se o caminho ao andar?** Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/faz-se-o-caminho-ao-andar>> Acesso em: 10 agosto 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1 Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2012.

FARKAS, Solange Oliveira. **Joseph Beuys**: a revolução somos nós. Catálogo de exposição. São Paulo: Sesc Pompeia, 2010.

GUATARRI, Felix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica . Cartografia do Desejo**. Petrópolis: Editora Vozes. 2000.

MARQUEZ, Renata. **Cidades em instalação**: arte contemporânea no espaço urbano. 2000. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) — Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MARQUEZ, Renata; CANÇADO, Wellington. **Domesticidades**. Belo Horizonte: Instituto Cidades Criativas/ICC, 2010.

SILVA, Breno; GANZ, Louise. Lotes vagos: ocupações experimentais. Belo Horizonte: ed. Instituto Cidades Criativas, 2009.

Artigo submetido em: 22 de Janeiro de 2017
Aceito para publicação em: 16 de Fevereiro de 2017

NOTAS

[i] A história da laranja inicia-se na Índia, onde era conhecida pelo nome *nareng*. O fruto espalhou-se pelo restante da Ásia, passando a ser denominado *narang*, nome dado a uma cidade paquistanesa situada na província de Punjab. Da Ásia chegou à Europa através de Portugal no tempo das Cruzadas. Enquanto a fruta denominada laranja não foi conhecida no continente europeu, faltou a esses povos uma designação para a cor laranja. Um dos primeiros locais da Europa onde se iniciou seu cultivo foi a França; os franceses adaptaram o nome *narang* para *orange*; e, com esse nome, a laranja veio a ser associada, em algumas culturas, à cor do ouro. A palavra *or*, em francês, significa ouro. Na Ásia e no oriente médio, onde era conhecida, a laranjeira assumia-se como árvore ornamental e dotada de características extraordinárias. Era muito comum nos pátios das casas árabes abastadas, em geral associada a uma fonte ou a um lago. Em várias culturas, seus frutos foram conhecidos como “maçãs do paraíso”. É possível ver em pinturas antigas os frutos da “Árvore da Ciência” representados por laranjas. A cor de laranja encontra-se ligada ao fruto do mesmo nome e, em tempos antigos, eram ambos considerados exóticos. Em diversas culturas e línguas, o nome desse fruto adquire singularidade própria ao ponto de não haver palavras que rimem bem com ele (CITRUS × SINENSIS, 2014, *on-line*).

[ii] O plantio estava sendo realizado por Bruno Caixeta e Valter Caixeta, que colaboraram na ação; os registros foram realizados por Rafael Ribeiro e por mim.

[iii] A ação iniciou-se na rua Antônio Severo, que faz a divisa do bairro com as margens do rio Paranaíba. O planejamento do percurso a ser percorrido foi pensado com base em passeios de prospecção no bairro.

[iv] “Contrato em que alguém entrega a outra pessoa coisa NÃO FUNGÍVEL para ser usada temporariamente e depois restituída. É um empréstimo gratuito, uma cessão de uso, pelo qual se transfere apenas a posse do bem, não se transmite seu domínio. Se o comodato não fosse gratuito, seria locação.” (JURISWAY, 2014, *on-line*).

[v] Em uma das casas, as galinhas comeram a muda, e o morador se comprometeu a fazer uma cerca para evitar novos acidentes com a nova muda; noutra casa, o morador foi capinar o quintal e cortou a muda sem querer; e noutra a falta de adubação foi a justificativa do morador. Nessa parte do bairro, o solo é argiloso de coloração bem amarelada, o que dificultaria — segundo o morador — o desenvolvimento das mudas ali plantadas.